

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

FALE AGORA OU CALE-SE: UMA ANÁLISE SOBRE A IMPORTÂNCIA DO SILÊNCIO DO MONAQUISMO PRIMITIVO NA CONTEMPORANEIDADE

Speak now or shut up: an analysis on the importance of the silence of primitive
Monaquism in contemporaneity

José Carlos Ferraz¹

José Fabio Bentes Valente²

Paula Miranda Lima³

RESUMO

A sociedade moderna perdeu quase que por completo a noção da importância e o valor do silêncio e de como sua prática é muito útil hodiernamente. A busca de experimentar a Deus é uma experiência que leva a uma visão de unidade que é transmitida pela tradição cristã. Infelizmente, vive-se um aumento crescente do sentimento de ausência de Deus na sociedade, na qual “surge uma preocupação de como o ser humano poderá sobreviver não no que se refere à raça, mas sim da humanidade da raça”.⁴ Este artigo tem uma metodologia de caráter bibliográfico, cujo resultado demonstra como os ensinamentos ascéticos dos pais da igreja primitiva podem ser úteis nos dias de hoje, concernente ao ato de ficar em silêncio em Deus, uma vez que a cultura cristã tem deixado os indivíduos falantes demais e cada vez menos ouvintes e reflexivos.

¹ Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória / ES. Graduado em Filosofia e Teologia, Pós-Graduado em Filosofia e Ensino de Filosofia, pelo Centro Universitário Claretiano. É atualmente professor da disciplina de Ciências Humanas nos cursos da área da saúde, administração, nutrição e comunicação social da Faculdade Objetivo de Rio Verde / GO. E-mail: carlosferraz2203@gmail.com

² Mestre em Ciências de Religião pela Faculdade Unida do Espírito Santo. Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas. Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela Uniasselvi. E-mail: fbarmas@gmail.com

³ Advogada, Pós-graduada em Direito Penal e Processos Penal e Mestre em Ciências de Religião pela Faculdade Unida do Espírito Santo e Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela Uniasselvi. E-mail: Paula.lima.gv@hotmail.com

⁴ GRÜN, A. **Se quisier experimentar Deus**. 6.ed. São Paulo: Vozes, 2014, p. 42.

Palavras-chaves: Silêncio. Deus. Pais da Igreja. Cultura Cristã.

ABSTRACT

Modern society has almost completely lost the notion of the importance and value of silence and how its practice is beneficial today. The quest to experience God is an experience that leads to a vision of unity that is transmitted by the Christian tradition. Unfortunately, there is an increase in the feeling of the absence of God in a society where "a concern arises as to how the human being can survive not concerning race, but with the humanity of the race." The methodology of this article is a bibliographic approach. The result demonstrates how the ascetic teachings of the fathers of the early church can be useful today concerning the act of being silent in God's presence given the fact that the Christian culture has made individuals who speak more and listen and reflect less.

Keywords: Silence. God. Church fathers. Christian culture.

INTRODUÇÃO

A cada dia as pessoas estão em busca de terem uma vida confortável e bem-sucedida, mesmo que diante da incerteza do próprio ser, tal fato acaba mexendo com os indivíduos na atualidade da mesma forma que tocou as pessoas na antiguidade. A busca para responder à questão de como se pode ter uma vida de sucesso, teve início com a filosofia e com seus protagonistas, os filósofos do século IV como o monge João Cassiano. Mas essa busca também partiu de outras pessoas que através de uma inspiração divina, afastaram-se da sociedade em busca de descobrir o seu castelo interior, como dizia Teresa D'Ávila em sua obra "castelo interior".⁵

Estes homens e mulheres que deixaram tudo para buscar contemplar a face de Deus em meio ao deserto, viveram entre os séculos terceiro e sexto depois de Cristo. "Pessoas, que haviam experimentado a fragilidade de sua existência, que as levou a uma crise, fazendo com que procurassem no isolamento caminhos para defrontar-se com sua própria verdade".⁶ Apesar de possuírem alguma experiência anterior, tinham a intenção de redirecionar suas vidas, enfrentando os seus "demônios" que apareciam diante das dificuldades da vida no deserto e pelo confronto com a própria solidão, sempre na busca de encontrar a tão sonhada paz interior.

Destarte, este artigo analisa em seu primeiro momento, a importância dos ensinamentos ascéticos dos Pais da Igreja no período da Igreja Cristã Primitiva, cujo ideário se fixa no saber calar-se e saber falar, em momentos certos, pois tais ensinamentos inspiram no que se deve falar e de que modo se deve falar. Na segunda parte, aborda-se como esses ensinamentos podem ser úteis para os dias de hoje, haja vista que na correria hodierna dos labores de cada pessoa dificilmente encontra-se um espaço para refletir em silêncio em Deus, pois a cultura cristã atualmente tem deixado os indivíduos falantes demais, preocupados com os diversos afazeres da vida cotidiana.

⁵ DE ÁVILA, T. (Santa). *As moradas do castelo interior*. São Paulo: É Realizações, 2014.

⁶ GRÜN, A. *Sabedoria do deserto*. São Paulo: Vozes, 2017, p. 9.

1. OS PAIS DA IGREJA: ASCESE, ESCUTA, SINÔNIMOS DO SILÊNCIO

Estes homens, conhecidos como Pais da Igreja, ainda na contemporaneidade, são um exemplo a ser seguido por muitas pessoas. Pais ou Padres do deserto como são conhecidos, foi uma expressão que surgiu para posteriormente indicar os primeiros monges cristãos na igreja primitiva que buscavam fora da vida comunitária uma vida de renúncia determinada pela ascese, oração e trabalho principalmente, no deserto do Egito, da Palestina e da Síria, na condição de eremitas, sendo monges que vivem fora do cenóbio, ou seja, fora dos mosteiros e da vida comunitária.⁷

Esses homens do deserto, como já possuíam uma familiarização com a fragilidade do ser humano, aprenderam a lidar com essa situação, buscando um sentido para sua existência. A força que vinha deles foi iluminando e contagiando muitas outras pessoas que estavam em busca de um conselho, de uma palavra amiga, chegando a fasciná-las a ponto de que buscarem viver do mesmo modo que esses Pais do deserto. Nesse aspecto, pode surgir a seguinte pergunta: Mas será que tanto naquela época quanto hoje, em pleno século XXI, existem pessoas que encontram em sua alma uma incredulidade com a sua descrença pessoal? E esta abala a sua fé? Com esse tipo de dúvida, acaba-se percebendo que não é possível ter uma experiência com Deus. Nesse sentido, aparecem outras indagações como: Quem é realmente este Deus? O que significa dizer que Deus se fez homem em Jesus Cristo? O que significa a ressurreição?

Essas e muitas outras perguntas devem tomar a consciência de que existem dois polos: A fé e a descrença. Na antiguidade, as pessoas buscavam escutar desses Padres seus conselhos e orientações para saberem lidar com as dificuldades de suas vidas. Esses monges, porém, possuíam uma sensibilidade tão acurada que conseguiam saber se alguém se achava em um dilema existencial, se precisava de uma palavra orientadora que “pudesse indicar o caminho para tirá-lo de uma crise vivencial”.⁸ Conta-se que certo dia, uma pessoa em dúvida, buscou o conselho de Abbas Siso de como poderia buscar a Deus. E assim ele disse:

Não devemos imaginar Deus como uma pessoa que tem um lugar fixo de morada. Deus está em toda parte; Ele perpassa a natureza; Ele se encontra no coração do ser humano; Ele se faz presente na comunidade dos que rezam, mas não permite ser enclausurado em local específico. Por isso, devemos desistir de fixá-lo num local e de procurar por esse lugar. A procura de Deus requer, antes, que o procuremos sempre em todos os lugares, mas sem pretender possuí-lo.⁹

Isso ainda serve para o ser humano nos dias atuais. Olhando para este período da história da Antiguidade, pode parecer para um mundo distante, sendo incompreensível, principalmente, ao tentar entendê-lo por mera curiosidade. É claro que as palavras de sabedoria desses monges só podem curar se perceber em suas palavras um reflexo, pelo qual

⁷ GRÜN, 2014, p. 77.

⁸ LACARRIÈRE, J. **Padres do deserto**: homens embriagados de Deus. São Paulo: Loyola, 2002, p. 107.

⁹ GRÜN, 2017, p. 133.

se reconhece a própria fragilidade “nosso próprio risco e tentação”.¹⁰ Sendo assim, deve-se buscar experimentar os conselhos dos Pais do deserto como remédios que podem curar e salvar, como disse Abbas Siso. Essas histórias mostram o caminho que se deve seguir para lidar com as emoções e pensamentos.

O deserto era tido como um lugar de tentações e de lutas constantes contra os demônios. Nesse campo de batalha árido, enfrentavam todos os perigos experimentados no mundo sempre de uma forma nova. Assim sendo, “os monges tinham por objetivo purificar-se no deserto de todos os maus pulsos interiores”.¹¹ Hoje em dia, ao falar sobre deserto ou algo semelhante, imagina-se lugares devastados, em experiências extremas e ameaçadoras, principalmente em relação a devastação da alma. Para os monges, além do silêncio conduzir ao encontro com Deus ele também serve como uma terapia. O silêncio permite que se mantenha afastada a inquietação e a raiva, na busca de um autoconhecimento, que proporciona uma análise do comportamento humano em relação a raiva. Antes de ter uma atitude de raiva com o outro, deve-se buscar adentrar no silêncio da razão de sua própria raiva.¹²

Um abade de um mosteiro trapista, disse que um dos seus monges não conseguia controlar a sua raiva. Então lhe disse:

A raiva muitas vezes revela como a gente pensa e sente a respeito de si próprio e qual a importância que a gente atribui às próprias ideias e opiniões. Quando Deus voltar a ocupar o centro de tua vida e conseguires apresentar-te a ele com tuas fraquezas, então talvez possas ganhar distância para deixares passar o teu rancor e voltares a orar.¹³

O silêncio também é uma arma que ajuda a se manter longe dos rancores e raivas. Claro que no falar, as emoções não resolvidas podem acabar vindo à tona. O silêncio não abafa as emoções e as agressões, mas ajuda a domar, impondo ordem sobre elas. Com o falar, pois todas as emoções são reviradas, e com o silêncio pode-se fazer com que elas se assentem novamente. É como o vinho, quando ele é mexido, torna-se turvo, mas quando o deixa estático ele fica claro e transparente. Esta disposição do silêncio de causar clareza ao coração é apresentada em uma poesia chinesa. “Quem é aquele que consegue clarear o turvo por meio da calma? Quem é que pode demonstrar toda a tranquilidade que seria necessária para clarear o opaco? Silêncio, portanto, como a capacidade de clarear a água turva”.¹⁴

Certo dia um irmão fez uma pergunta para o abba Poimém: “O que é melhor, falar ou calar-se?” O ancião respondeu: “Quem fala por Deus faz bem e quem se cala por Deus, também”.¹⁵ Em poucas palavras, abba Poimém define com sabedoria este caso de consciência, que foi colocado para ele. Claro que ele poderia ter levado certo tempo para poder chegar a uma conclusão, levando em consideração as várias alternativas que se

¹⁰ LACARRIÈRE, 2002, p. 155.

¹¹ GRÜN, 2017, p. 13.

¹² NOUWEN, H. J. M. **Pare o silêncio**. Freiburg: Sto Paul, 1979, p. 124.

¹³ NOUWEN, 1979, p. 126.

¹⁴ KÄSTNER, E. **O urbano das coisas**. Frankfurt: Das dramatische Werk, 1973, p. 60.

¹⁵ REGNAULT, L. **À escuta dos pais do deserto hoje**. Juiz de Fora: Subiaco, 2014, p. 77.

encontra o monge no sentido de: Devo falar algo? Ou devo permanecer calado? O sábio monge simplifica tudo em apenas duas palavras: “Põe Deus”.

Independente da sua postura em falar ou calar-se, tudo deve ser feito para agradar somente a Deus. Se esse não for o objetivo, corre-se o perigo de desviar-se do propósito e acabar cometendo o pecado, principalmente no que se refere ao falar. Na maioria das vezes o ser humano nem pensa em sua pergunta. Acaba falando ou se calando de acordo com a sua vontade. As pessoas são levadas a abrir a boca para na maioria das vezes “não dizer nada”, para se por algo em destaque, para agradar ou seduzir, para criticar, falar mal ou caluniar, diversos são os motivos que não se confessa que são difíceis de se encarar frente a frente.¹⁶

A boca costuma falar do que está cheio o coração. Portanto, nesse aspecto as pessoas devem ser atenciosas e saberem guardar com zelo o apoftegma de Poimém. Deve-se questionar algumas premissas: Quando as pessoas falam ou permanecem caladas, isso será feito realmente para agradar a Deus? Ou elas não estariam fazendo isso numa atitude de vaidade, orgulho e até por respeito humano? Será interessante analisar essa questão sob olhar de Deus, sem jamais deixar que esquecer que o Espírito Santo habita em cada pessoa, e as leva a um esclarecimento, que guia e inspira no que se deve, e o modo como falar. Sabe-se que o silêncio não é vazio, não é a morte e, sim, aproxima da vida plena. “Se nos calamos é porque as palavras de que desejam viver nossas almas, não se exprimem com palavras desta vida”.¹⁷

O monge é aquele em que sua espiritualidade está pautada pela escuta. A comunhão da humanidade está na palavra que é o meio: a unidade do ser humano com o Senhor também possui um alicerce na Palavra de Deus. Não se deve esquecer que a vida do monge é uma herança vivida através da mística de interioridade do Papa Gregório, mas a vida monástica também depende de Agostinho no privilegiar do texto de Gênesis, na forma de entendimento em que o ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus. O Senhor se ofereceu ao homem e habita em seu coração. E, um dos propósitos que o monge tem é de buscar adentrar o mais profundo de seu ser, no qual Deus habita em seu sagrado silêncio. Nessa comunhão, se realizam a aliança da alma com o verbo, dessa intimidade se eleva a “estrela da manhã”¹⁸ que vem anunciar o novo dia que está surgindo.¹⁹

Segundo o Livro de II Coríntios, capítulo três, versículo dezoito: “Nós todos, de face descoberta, refletindo como em um espelho a glória do Senhor, seremos transformados naquela mesma imagem, de glória em glória, segundo a ação do Espírito do Senhor. Esse texto possui algo de fundamental que “diz-nos qual é a condição para o processo que termina na transparência do homem em Deus: a condição é a vida na presença. Deus que habita no seu íntimo, atrai a si a alma e a transforma nele.”²⁰ Madre Amma Teodora diz que:

¹⁶ GUILLERAND, A. **Silêncio da cartuxa**. Tradução do francês de Doroteia Rondon Amarante. Juiz de Fora: Subiaco, 2011, p. 21.

¹⁷ GUILLERAND, 2011, p. 23.

¹⁸ **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995, p. 1615.

¹⁹ REGNAULT, 2014, p. 77.

²⁰ BARSOTTI, D. **Monaquismo e mística**. Juiz de Fora: Subiaco, 2009, p. 81-83.

Bom é o silêncio, e um homem sensato exercita o silêncio. Pois é verdadeiramente grande para uma virgem ou monge estarem em silêncio, mas principalmente para os mais novos. Mas saiba: quando alguém se propõe a ficar em silêncio, vem de imediato o mal sobrecarregar a alma com tédio, fraqueza de ânimo e pensamentos. Também o corpo ele o sobrecarrega com doenças, cansaço, desarticulação dos joelhos e de todos os membros. Ele, portanto, elimina a força da alma e do corpo. E, quando, porém, estamos atentos, tudo isso se desfaz. Houve um monge que, ao iniciar a celebração do culto divino, ficou assolado por frio e febre, sendo que a cabeça ficou perturbada por uma tentação. E assim, disse para si: Eis que estou doente e logo vou morrer. Antes de morrer, quero levantar-me e celebrar o culto divino. E quando terminou desse pensamento coagiu-se e realizou o culto divino. E quando terminou o culto divino, também cessou a febre. E mais uma vez um irmão se opôs a esse pensamento, celebrou o culto divino e venceu, assim, o pensamento.²¹

Vale lembrar que não existiam apenas os Pais do deserto, e haviam também as Mães do deserto. Na maioria das vezes elas também davam conselhos parecidos com os dos Padres do deserto. Se suas palavras forem analisadas, em relação as dos Pais, é perceptível algumas pequenas diferenças. Pode-se perceber que as Mães falam sempre algo que envolve o corpo e (as) doenças, coisa que não acontece com os homens. Madre Teodora é conhecedora da bênção que consiste no silêncio, mas ao mesmo tempo o seu perigo. Quando se busca ficar em silêncio, os pensamentos, tidos como “demônios” afastam-se. Para os monges e monjas antigos, esses demônios liquidam com a força do corpo e da alma.²²

Assim sendo, o monge perde a vontade de rezar e celebrar o ofício divino; acaba criando várias desculpas para não celebrar. A doença vai fornecer motivos suficientes para que se mantenha afastado desses cultos. Isso é algo que não traz benefício à vida do monge. Madre Amma Teodora dá um exemplo oposto através de uma história. Havia um monge muito doente e, primeiramente, não desejava ir celebrar o culto divino. Então, ele disse: Estou muito doente e em breve vou morrer. E por isso, devo ir celebrar o culto divino. Em vez dele deixar de ir ao culto divino por estar enfermo, ele usa a doença como motivo para participar juntamente com os irmãos da celebração. No momento em que ele permanece firme e fiel a esse propósito, a sua febre acaba cessando de modo repentino. É nesse momento que o velho monge percebe que a febre era apenas uma desculpa para que ele dispensasse os seus compromissos religiosos.²³

Desse conselho de Madre Anna Teodoro não quer dizer que se deve deixar de lado e ignorar toda doença. Possivelmente, todos conhecem pessoas que, independente da doença que tenham, trabalham. Talvez seria importante que essas pessoas, sentissem o convite para a sua recuperação. Mas existem também outras pessoas que se utilizam de qualquer desculpa para não encararem a vida de frente, numa eterna fuga de si mesmo. Também, nesse ponto, é importante ter o discernimento para perceber que a doença está sendo utilizada como

²¹ MILLER, B. *Apophthegmata Patrum*. Weisung der Väter. Trier, 1965, p. 46.

²² GRÜN, 2017, p. 118-120.

²³ MILLER, 1965, p. 68-75.

motivo para deixar de celebrar o culto divino ou o trabalho, ou se a doença deveria ser aceita com toda a humildade e reservar para si um tempo necessário para convalescença.²⁴

2. À ESCUTA DOS PAIS DO DESERTO NA CONTEMPORANEIDADE

Silêncio, uma palavra que chama a atenção e que ao mesmo tempo aterroriza, capaz de trazer tanto paz e recolhimento, como medo e solidão. Mesmo que algumas pessoas sintam certa atração pela ideia do silêncio, é certo que, nem sempre, as pessoas se dão bem com esse recolhimento absoluto que o silêncio proporciona. Ao entrar em recolhimento consigo mesmo, passa-se a prestar mais atenção com os movimentos dos pensamentos, que invadem a mente. Todas as angústias, ansiedades, situações que foram dolorosas e difíceis de serem enfrentadas, voltam de uma vez para a consciência, deixando os seres humanos inquietos, não gostando de se deparar com o mais íntimo do ser, desse embate com essa confusão do coração. Dessa forma, deixa-se de lado o silêncio, buscando algum tipo de distração.²⁵

“No silêncio e no recolhimento progride a alma devota, e aprende os segredos das Escrituras”.²⁶ Os monges do século IV, que foram conhecidos como Pais do deserto, eram pessoas que viviam em constante silêncio. Não deixaram nada registrado e dificilmente falavam. Mas os seus conselhos e palavras, que foram transmitidas oralmente a seus discípulos possuem um valor incalculável, são, ao mesmo tempo, uma profunda experiência de Deus e autêntica expressão da sabedoria humana. O antigo Oriente serviu de cenário para esses homens desenvolverem a sua sabedoria, por isso, eram chamados de Pais, em sentido metafórico. Na tradição cristã, é possível encontrar o reconhecimento de uma doutrina, na qual existe o pleno exercício e o verdadeiro sinal de paternidade espiritual. Vale lembrar que somente os bispos eram chamados de Pais nesse período.

Os monges egípcios que possuíam certa fama tanto por sua santidade quanto sabedoria, mereceram o título de Pais do deserto. Sua paternidade espiritual e a própria espiritualidade que desenvolveram no deserto, se tornaram um patrimônio de espiritualidade cristã, e os apotegmas, servindo como um grande referencial que ultrapassou os séculos, chegando até os dias atuais. Agora, será que suas palavras, seus conselhos ainda podem ecoar nos corações dos cristãos do século XXI, que se quer vivem no deserto e muito menos em mosteiros?²⁷ Viver totalmente em solidão, e principalmente, em silêncio, em total ascese e renúncia, temor de Deus e humildade, em constante combate espiritual através da oração, amor a Deus e ao semelhante, possui sem dúvida lugar na vida diária dos cristãos. Os Padres do deserto foram os que mais viveram e colocaram em prática os elementos evangélicos essenciais, e possuem com absoluta certeza, o direito de falar deles, ainda hoje em dia.

O que esses monges disseram e dizem deve ser escutado não somente com os ouvidos, mas com a pureza dos corações. Esses monges ensinam a viver e a buscar uma verdadeira

²⁴ GRÜN, 2017, p. 122.

²⁵ KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 87.

²⁶ KEMPIS, 2015, p. 88.

²⁷ É o plural de apotegma. O mesmo que: adágios, aforismos, anexins, ditados, ditos, máximas, provérbios, rifões, rifões.

espiritualidade através da base transmitida pelos apóstolos desde os tempos de Jesus Cristo. Para eles, o caminho que leva para Deus é o caminho da busca de conhecer-se a si mesmo. Certa vez, Evágrio Pôntico formulou isso da seguinte maneira: “Se queres conhecer a Deus, aprende primeiramente a conhecer a ti mesmo!”²⁸ Sem se conhecer, corre-se o risco dos pensamentos acerca de Deus se transformarem em meras projeções pessoais. Mesmo que hoje em dia, há pessoas que aparentam ser piedosas, elas não são transformadas por suas orações, mas acabam se aproveitando dessa tal “piedade” para buscar certa ostentação diante das pessoas.

A espiritualidade desses primeiros monges é mistagógica, ou seja, ela leva para experimentar o mistério de Deus e do próprio homem. A atitude de se manter calado é elogiada por esses monges, pois, manter-se em silêncio é o caminho que conduz ao autoconhecimento e à verdade do próprio coração. Não se deve esquecer que esse caminho liberta do mal de criticar e julgar as pessoas. O permanecer calado não permite julgamentos, e faz com que se confronte, sempre de novo a si mesmo. Ele age no indivíduo como uma barreira que não permite projetar o lado sombrio sobre as pessoas.

Conta-se que por três anos pai Agatão teria levado uma pedra em sua boca até conseguir ficar calado; até conseguir não mais julgar o irmão, nem mesmo com o coração.²⁹ Sabe-se que tanto o calar e o falar são atitudes que trazem grandes efeitos para a vida das pessoas. Por isso, é que em todos os diversos tipos de cultura, como também em todas as religiões, a palavra possui grande valor, como também o próprio silêncio.

Na Sagrada Escritura, são os livros sapienciais que melhor revelam a relação entre essas atitudes e o mistério de Deus. A sabedoria desses antigos monges fazia parte da vida de ensinamentos teórico-prático, da vida em perfeita harmonia com a criação e o Criador, sendo muito frequente, na tradição monástica, essa sabedoria. O estar em silêncio é uma preparação que o monge faz para escutar o Espírito Santo e, então, adquire coragem, força para edificar, exortar e consolar as pessoas que buscam uma palavra de consolo. Esses monges eram chamados *pneumatoforoí*, isto é, portadores do Espírito.³⁰

A atitude de manter-se calado é para os monges um caminho que leva à libertação de pensamentos, que ocupam constantemente a mente. Deve-se entender que não basta o calar exterior. Isso se faz necessário para ajudar a calar o coração, deixar que os anseios se acalmem e, assim, não mais irão desempenhar controle sobre o indivíduo. Os antigos padres dificilmente saíam de sua cela e aconselhavam as pessoas a permanecer a maior parte do tempo, se possível, em suas celas, buscando auto suportar-se e não fugir de si mesmo. Atualmente essa “cela” é o coração. A permanência, ou seja, o suportar-se a si mesmo, é a forma pela qual se atinge o progresso espiritual e humano. Não existe homem tão maduro

²⁸ Foi um escritor, asceta e monge cristão. Evágrio dirigiu-se ao Egito, a “Pátria dos Monges”, a fim de ver a experiência desses homens no deserto, e acabou por se juntar a uma comunidade monástica do Baixo Egito.

²⁹ Era de origem siciliana e vivia num mosteiro em Palermo. Foi eleito em 27 de junho de 678 aos 58 anos de idade foi eleito Papa (MILLER, 1965, p. 81).

³⁰ Do Antigo Testamento são: Jó ou Job (português de Portugal), Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Ben Sirac ou Eclesiástico.

quanto aquele que, tenha buscado enfrentar o seu eu e suportar-se a si mesmo, e encontrar-se com sua própria verdade. A tradição espiritual levou a experiência do profeta Elias a sério.³¹

Nesse aspecto, o verdadeiro lugar da experiência de Deus é o silêncio. Importante perceber que o silêncio não serve apenas para suprimir o barulho no coração, pois não significa exclusivamente que se livre das inquietações e chateações, mas que também se busque refletir sobre Deus. No silêncio, ficam quietos os pensamentos das pessoas e todas as imagens que se tem de Deus. Só então, diz Evágrio, “haveremos de experimentar Deus”.³² Essa virtude que os monges praticam de permanecer calados não possui um fim em si mesmo, mas para buscarem a plena união com Deus. O estar consigo mesmo e o desligar-se são passos importantes e necessários para nos conduzirem a Deus e permanecermos em plena união com Ele. Deve-se estar atento ao chamado de Deus para viver certos períodos de silêncio no dia a dia, como reflexão, meditação e “escuta”.

É necessário entender que o serviço de Deus e da igreja não está apenas no conceito de falar e de fazer. Também deve ser constituído por períodos de escuta, de espera no Senhor. Talvez seja extremamente importante, nesta época em que se vive com tamanha violência e agitação, redescobrir a meditação, a oração unitiva, interior, silenciosa e o silêncio criativo cristão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No coração do indivíduo existe um silêncio natural, porque é nesse silêncio que Deus habita no mais íntimo do ser humano. Deus está em silêncio, e esse silêncio sagrado é o que habita o ser humano. Em Deus se permanece ligado a este profundo silêncio. A Igreja afirma que a humanidade inteira é fruto de um Deus plenamente silencioso, pois o ser humano é filho do silêncio. Deus ampara, e vive-se a todo o momento ao lado d’Ele conservando o silêncio. Não há nada melhor do que buscar descobrir a Deus através do silêncio que está inscrito no centro de cada ser humano. Se não há busca em cultivar este silêncio, como se pode encontrar verdadeiramente a Deus? A maioria das pessoas gostam de fazer diversas coisas como: viajar, criar, realizar grandes descobertas. Mas tudo isso acontece fora de si mesmo, distante de Deus, que vive silenciosamente na alma do ser humano. Não se pode esquecer da importância de se adquirir o hábito de viver em silêncio para buscar estar verdadeiramente com Deus.³³

Usando como base o livro do Deuteronômio, o apóstolo Paulo explica:

Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para fazer Cristo descer do alto, ou: Quem descerá ao abismo? Isto é, para reconduzir Cristo dentre os mortos. Que ela [a justiça que vem da fé] diz então? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração. Isto é, a palavra da fé, que

³¹ SARAH, R.; DIAT, N. **A força do silêncio contra a ditadura do ruído**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017, p. 28.

³² SARAH; DIAT, 2017, p. 43.

²⁸ De acordo com os textos de: Romanos 10.6-9; Deuteronômio 30.12; 14.16.

³³ SARAH; DIAT, 2017, p. 30.

pregamos. Porque se confessas, com tua boca, que Jesus é o Senhor, e crês, em teu coração, que Deus o ressuscitou dentre os mortos, tu serás salvo.²⁸

Diante da Sagrada Escritura, no momento de reflexão e escuta, as bênçãos de Deus são derramadas sobre as pessoas de fé. É na fé, e não em uma viagem por todo o mundo, que se contempla e encontra-se com Deus. Com certeza, será sondando por um bom tempo as Escrituras Sagradas e, depois de um certo tempo, lutando e suportando a todas as investidas do inimigo, é que verdadeiramente chega-se a Deus. Augustin Guillerand não se enganou ao dizer que “os homens não encontram em nenhum outro lugar aquilo que têm em si mesmos”.³⁴ Não existe outro lugar em todo o mundo, onde Deus esteja tão presente como no coração das pessoas. O Espírito Santo de Deus faz a sua morada em nosso coração, templo do silêncio.

Ao mesmo tempo, não se pode esquecer do sofrimento que muitas pessoas estão passando e que muitas vezes são terríveis, levando-as a interrogar: “Para que serve invocar Deus? Porventura Ele não desvia o olhar para o lado? Nada tem a ver com este mundo e com toda a dor? Não se preocupa com o sofrimento?”³⁵ Tendo essas questões tão claras na mente das pessoas, busca-se uma resposta por meio da leitura da Bíblia. Pela qual é possível encontrar o sentido do sofrimento na história da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Aparentemente não se encontra nada que possa responder tais questões. Mas, ao deparar-se com a figura Jesus sofredor, as pessoas são apresentadas, de um modo novo, ao mistério de Deus. Percebe-se, então, que Deus sofre com o indivíduo. Ele faz com que a imagem que se tem d’Ele caia por terra e “do alto tudo rege soberanamente”.³⁶ Ele através de Jesus, foi capaz de experimentar o sofrimento do mundo.

Deus sofre com todos os seres humanos. De igual modo, se desponta nas pessoas o argumento de uma projeção falha e cheia de ilusão. Mesmo não querendo que as imagens e projeções de Deus se tornem algo precipitado, em que se vislumbra os desejos de criança, que trazem segurança e acolhimento, de proteção e de amor, ou, então, de fazer de Deus algo que substitua a imagem inexistente de um amor que vem dos pais. Deus não se limita ao encontro com a morada eterna, na qual o indivíduo se sente acolhido e aceito. “Deus também é desconhecido, e que possui o mistério inexplicável”.³⁷ Deus é aquele que traz a verdade nua e crua, e que faz com que as pessoas sejam confrontadas com a verdade de cada uma, com o próprio ser.

Nesse momento, experimenta-se o seguinte: “Se rejeitasse Deus, recusaria igualmente a responsabilidade pela minha realidade pessoal e desviaria para outros a responsabilidade o mundo”.³⁸ Assim, Deus é para cada um aquele que desafia constantemente, a colocar no mundo esse preceito, a saber, que é necessário e cabe as pessoas assumirem essa responsabilidade por Ele.

³⁴ GUILLERAND, 1976, p. 88.

³⁵ GRÜN, A.; HALIK, T. **Livrar-se de Deus?** Quando a crença e descrença se encontram. São Paulo: Vozes, 2017, p. 32.

³⁶ GRÜN; HALIK, 2017, p. 33.

³⁷ WAAL, E. **Vivendo com a contradição.** Juiz de Fora: Subiaco, 2012, p. 13.

³⁸ GRÜN; HALIK, 2017, p. 34.

REFERÊNCIAS

BARSOTTI, D. **Monaquismo e mística**. Juiz de Fora: Subiaco, 2009.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

DE ÁVILA, T. (Santa). **As moradas do castelo interior**. São Paulo: É Realizações, 2014.

GUILLERAND, A. **Silêncio da cartuxa**. Tradução do francês de Doroteia Rondon Amarante. Juiz de Fora: Subiaco, 2011.

GRÜN, A. **Se quiser experimentar Deus**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

GRÜN, A. **Sabedoria do deserto**. São Paulo: Vozes, 2017.

GRÜN, A.; HALIK, T. **Livrar-se de Deus?** Quando a crença e descrença se encontram. São Paulo: Vozes, 2017.

LACARRIÈRE, J. **Padres do deserto: homens embriagados de Deus**. São Paulo: Loyola, 2002.

KÄSTNER, E. **O urbano das coisas**. Frankfurt: Das dramatische Werk, 1973.

KEMPIS, T. **Imitação de Cristo**. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

MILLER, B. **Apophthegmata Patrum**. Weisung der Väter: Trier, 1965.

NOUWEN, H. J. M. **Pare o silêncio**. Freiburg: Sto Paul, 1979.

REGNAULT, L. **À escuta dos pais do deserto hoje**. Juiz de Fora: Subiaco, 2014.

SARAH, R.; DIAT, N. **A força do silêncio contra a ditadura do ruído**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

WAAL, E. **Vivendo com a contradição**. Juiz de Fora: Subiaco, 2012.